

RELAÇÕES DE GÊNERO, MASCULINIDADE E DOCÊNCIA MASCULINA

HENTGES, Karine Jacques; JAEGER, Angelita Alice.

Financiamento do trabalho: CNPq

Universidade Federal de Santa Maria – Especialização em Pesquisa em Movimento Humano, Sociedade e Cultura.

karinejhentges@gmail.com; angelufsm@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo tematizar e refletir sobre as relações de gênero e a docência masculina, principalmente, no que se refere ao âmbito da Educação Infantil. Para isso, foi realizado um recorte bibliográfico, buscando entender os fatores que contribuem para o afastamento dos homens da profissão de docentes de Educação Infantil. Vale salientar que inicialmente a escola era masculina, somente homens ensinavam e somente meninos aprendiam. Atualmente a profissão de docente de Educação Infantil é entendida socialmente como feminina e as relações de gênero que permeiam esse espaço acabam, muitas vezes, interpelando os profissionais homens a seguirem uma masculinidade referente, não compreendendo as masculinidades como plurais. Mesmo com esse cenário, alguns homens ousam borrar as fronteiras de gênero e se inserir nesse espaço predominantemente feminino.

PALAVRAS-CHAVE: docência masculina, educação infantil, gênero, masculinidade.

INTRODUÇÃO

Observando as relações de gênero que ocorrem no espaço escolar, como essas são centrais na construção das identidades das crianças, e também como o/a pedagogo/a tem papel fundamental na construção das significações do que é ser homem e ser mulher, iniciou-se reflexões sobre a docência masculina na Educação infantil.

A feminização da docência emerge ainda nos cursos de formação profissional nas Licenciaturas. Essa realidade marca a caminhada acadêmica de muitos/as no Curso de Pedagogia, pois raramente as graduandas dividem os espaços de formação com colegas homens. A escassez e, muitas vezes, a ausência masculina geram discussões diversas acerca dos motivos que impelem raros homens a escolherem o Curso de Pedagogia, assim como, despontam argumentações e debates que buscam entender como essa formação profissional foi se tornando um lugar incômodo e pouco atraente aos homens. Quando encontra-se um ou outro audacioso colega, não raro emergem suspeitas e questionamentos acerca de suas potencialidades no cuidado, na atenção, na sensibilidade que as professoras mulheres imprimem e reforçam no trato com as crianças. Na fase dos estágios no contexto escolar, os acadêmicos pedagogos geralmente possuem mais dificuldades que as acadêmicas ao pleitear a oportunidade para experimentar a docência em escolas de Educação Infantil. Há situações em que após receber várias negativas das

escolas de EI, os estagiários são forçados a vivenciar a prática pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, visto que nessa fase a sua aceitação não é tão restrita como na Educação Infantil.

Ao elaborar um mapeamento profissional é possível observar uma divisão nos campos profissionais para homens e mulheres. As profissões ligadas à características femininas, como a emoção, afeto, sensibilidade seriam próprias para as mulheres e as profissões ligadas à razão e inteligência seriam apropriadas aos homens, assim também se dividem as áreas de conhecimento, as exatas seriam para homens e as humanas para as mulheres (MARTINS e RABELO, 2006).

Dados mais recentes retirados do Ministério do Trabalho por meio do Sistema Público de Emprego e Renda (BRASIL, 2010) mostram que no Brasil os homens são maioria nos setores extrativa mineral, indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, construção civil, serviço, comércio e agropecuária, extração vegetal, caça e pesca. Sendo as mulheres maioria somente no setor de administração pública. Os dados referentes ao estado do Rio Grande do Sul, assim como os dados do município de Santa Maria, apontam as mulheres como maioria nos setores de serviços e administração pública. Essas informações denotam como as questões de gênero ainda se refletem nas profissões. Dessa forma, percebe-se que tanto homens quanto mulheres são marcados/as pelas representações produzidas e produtoras da generificação das profissões e de acordo com esses enunciados, acabam por escolher sua profissão.

Apesar da divisão de gênero nas profissões, é possível encontrar homens e mulheres que transpõem essas barreiras e ousam se inserir em espaços não pensados para eles/as. Como é o caso de mulheres fisiculturistas, trabalhadoras da construção civil, motoristas de caminhão e ônibus, pilotas de carros de corrida, engenheiras, assim como existem homens enfermeiros, dançarinos de balé, secretários, educadores especiais, fonoaudiólogos, entre outras profissões que ainda são pensadas como atividades masculinas ou femininas.

Assim como acontece com as profissões citadas acima, mesmo com a feminização da escola, é possível encontrar vários homens que borram as fronteiras de gênero nas profissões e ousam se inserir em espaços que “normalmente” são redutos das mulheres, como é o caso da Educação de crianças pequenas. Sendo assim, esse trabalho tem como **objetivo** tematizar e refletir sobre as relações de gênero e a docência masculina, principalmente, no que se refere ao âmbito da Educação Infantil.

METODOLOGIA

Para a realização desse estudo utilizou-se a pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, que baseia-se em um levantamento e análise do que já foi produzido sobre a

temática. Essa pesquisa foi desenvolvida em duas fases, primeiramente buscou-se as fontes bibliográficas, e após isso foi realizada uma análise das bibliografias encontradas.

A busca das bibliografias foi realizada da seguinte forma, foi efetuada uma busca na base de dados SCIELO, assim como na Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Maria, nas bibliotecas particulares de alguns professores que trabalham na mesma perspectiva da pesquisa, assim como em dissertações e teses. Essa coleta de dados teve como foco as palavras chave masculinidade, gênero, educação e docência.

A partir das bibliografias encontradas, foi realizada uma leitura periférica para identificar as que mais se aproximavam da temática e dos objetivos da pesquisa. Houve muitas dificuldades em encontrar materiais que contemplassem a temática desenvolvida na pesquisa, tendo em vista que a discussão sobre a docência masculina ainda é muito recente no Brasil. Após iniciou-se um processo de análise dos dados cujo resultado é apresentado neste documento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a feminização da docência é possível perceber que mesmo com o afastamento dos homens das salas de aula, o que se dá principalmente na educação das crianças pequenas, muitos homens continuam atuando como professores de disciplinas específicas como geografia, física, química, matemática, educação física, entre outras.

Nesse sentido é possível a identificação de alguns fatores que contribuem para o afastamento dos homens da EI, entre eles cabe citar os baixos salários e baixo status social, a ideia da sociedade de que homens trabalhando na EI aumentariam o risco de abuso sexual, a possível homossexualidade associada à imagem do docente masculino e por fim as representações que associam essa profissão à atributos femininos (JENSEN,1993, RABELO, 2010).

Os baixos salários e baixo status social ainda são impeditivos para que homens ingressem na profissão de professores de EI, isso reflete também o contexto social que o homem ainda se encontra, onde espera-se que esse ainda seja provedor da casa, o que se torna difícil com a remuneração paga a esses trabalhadores. A desvalorização da profissão docente é acentuada no momento em que as mulheres começam a ocupar esse espaço, como o salário delas não seria única forma de sobrevivência da família, não havia a necessidade de serem bem remuneradas. A visão da sociedade de que a profissão professor/a está relacionada com uma suposta “vocação” cujos ganhos são de ordem espiritual, como uma missão que deve ser cumprida no espaço terreno para que seja recompensada nos céus, acaba também por contribuir para a desvalorização da profissão (RABELO, 2010). Desse modo, são perceptíveis as dificuldades que tanto professores quanto professoras têm ao tentar manter-se com os salários advindos dessa profissão, o

que faz esses profissionais muitas vezes se sobrecarregarem e trabalharem até 60 horas semanais de modo a manter o sustento da casa.

Outro fator apontado anteriormente é o medo do possível abuso sexual quando se trata de homens atuando na EI, tendo em vista que esses profissionais são responsáveis também pelos cuidados corporais relacionados às crianças como o banho e a troca de fraldas. Jensen aponta que as pessoas que se opõem a ideia do professor na EI, o fazem “sob a alegação de que o risco de abuso sexual aumentaria e que homossexuais masculinos em particular seriam atraídos para a profissão. Isto coloca ênfase na sexualidade masculina enquanto a sexualidade feminina nunca é levada em consideração (JENSEN, 1993: s.p.)”.

Uma pesquisa realizada por Ramos e Xavier (2010), aponta que quando um professor inicia suas atividades na EI, há um estranhamento por parte dos colegas e da comunidade escolar. Em muitos casos, a sua sexualidade é questionada e associada à homossexualidade, tendo em vista que o campo da EI não é tido como apropriado para homens, pois se trata de uma profissão que abarca tanto a dimensão do educar quanto do cuidar.

Como a EI é percebida como a continuação da maternidade no espaço público, é função do/a professor/a os cuidados corporais das crianças e um homem nessa função, cuidando desses corpos pequenos de meninas e meninos acaba por provocar conflitos, dúvidas e questionamentos, estigmas e preconceitos (SAYÃO, 2005:16). Ainda essa autora aponta que “é indubitável a crença disseminada de um homem sexuado, ativo, perverso e que deve ficar distante do corpo das crianças. Em contrapartida, há formas explícitas de conceber as mulheres como assexuadas e puras e, portanto, ideais para este tipo de trabalho”.

É visível a ideia de que a sexualidade é pertencente somente ao mundo masculino, sendo a mulher tida como assexuada. Sayão (2005:189) afirma que o “que “capacita” as mulheres a tocarem nos corpos das crianças e gera a desconfiança quanto ao abuso dos homens é que as primeiras controlariam sua sexualidade, enquanto os homens seriam incontroláveis.”

Sayão (2005) aponta em sua pesquisa que muitos são os entraves impostos aos homens no que tange à troca de fraldas, ao banho, ao contato corporal que professores/as tem que ter com as crianças pequenas. Um de seus entrevistados afirma que em diversas vezes foi questionado, tanto pelos pais das crianças quanto por colegas de profissão, sobre como seria se tivesse que dar um banho em alguma criança, respondendo então que faria da mesma forma que faz com os filhos ou com as crianças mais próximas.

Nesse sentido, cabe refletir sobre o último fator que contribui para o afastamento dos homens da profissão de professor de EI, a associação da profissão de professor/a de

Educação Infantil á atributos apontados socialmente como femininos. Bento (2003: 3) aponta que “o gênero adquire vida através das roupas que cobrem o corpo, dos gestos, dos olhares...”, dessa forma, os/as professores/as de E.I. são interpelados a demonstrar determinados gestos, formas de se portar e de se vestir. Importante salientar que nesse trabalho gênero é entendido como “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” é a “forma primária de dar sentido as relações de poder” (SCOTT, 1995: 86). Dessa forma, são as construções sociais e históricas que definem o que é permitido para mulheres e para homens, recaindo também sobre as profissões mais adequadas a cada um dos sexos.

Como citado anteriormente, o magistério foi ao longo dos anos tornando-se feminino em decorrência de vários fatos históricos e culturais, a ideia de que a mulher está mais preparada para atuar com crianças pequenas está relacionada ao fato da maternidade. Carvalho (1999:25) aponta

a existência de uma matriz cultural comum informando os ideais de relação mãe-filho na família e professora-aluno na escola, uma matriz estruturada a partir das prescrições de cuidado infantil e ideais de maternidade como atributo natural das mulheres, cujas raízes mais profundas podem ser encontradas no pensamento pedagógico do século XVIII e nas idéias de infância, feminilidade e maternidade então gestadas.

Dessa forma, fica evidente o modo como ainda é entendido o papel da mulher como cuidadora, carinhosa, paciente, adjetivos que não compõem o universo de significações do sujeito masculino. Esses adjetivos remetem a uma visão normalizada do que é ser homem e mulher, porém não existe só uma forma de ser homem e mulher, mas sim diferentes maneiras de viver a feminilidade e a masculinidade. Connel (1995:188) define masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Em reconhecimento desse fato, tem-se tornado comum falar de “masculinidades””.

Nesse sentido, o autor vem trabalhando com o conceito de masculinidade hegemônica, onde “as masculinidades hegemônicas são construídas juntamente – e em relação – com outras masculinidades”, considerando que há uma constante luta pela hegemonia, “grupos de homens lutam por domínio através da definição social da masculinidade” (CONNEL, 1995:190-191), mas em função das constantes mudanças nas condições as quais a hegemonia é sustentada “um dado padrão de masculinidade hegemônica está sujeito ou a ser contestado ou a ser transformado ao longo do tempo” (CONNEL, 1995: 192)

Carrara e Heilborn (1998) destacam que há muitas formas de viver a masculinidade. O homem burguês, bem comportado e chefe de família é diferente do modelo de homem

romântico, aventureiro e solitário, assim como, os homens “tradicionais” de poucas palavras, se diferenciam dos homens que atualmente frequentam os psicanalistas. Existem também os homens que demonstram sua masculinidade através da força e brutalidade, enquanto outros são mais sensíveis e cuidadosos. Essas masculinidades vão aparecendo de acordo com os diferentes contextos e situações sociais a que são expostos os sujeitos.

Não existe uma masculinidade fixa (se fosse fixa não poderíamos falar de feminilidade nos homens ou da masculinidade nas mulheres), pois qualquer forma de masculinidade é internamente complexa e contraditória, depende da posição nas relações de gênero, das conseqüentes práticas de acordo com estas posições e os efeitos dessas práticas. Portanto, a masculinidade é uma configuração de práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero... (RABELO, 2008:177-178)

Rabelo (2008:176) aponta que a construção da identidade masculina ainda tem sido muito associada ao “não ser”: não ser feminino, não ser homossexual, não ser dócil, não ser efeminado na aparência física ou nas maneiras...”. Giffin (2005:49) aponta que “os estudos de gênero mostraram que tais ideias binárias, expressas em símbolos e normas sociais, estruturaram instituições, foram oficializadas em leis, e encarnaram em identidades pessoais”, sendo assim construído o binarismo homem-mulher, o que um é o outro não pode ser.

Carvalho (1998:s.p.) aponta que as análises da construção das identidades masculinas concomitante aos avanços no conceito de gênero evidenciam “o caráter ‘generificado’ das próprias organizações e o papel ativo das relações de trabalho, tanto na construção de significados sociais de masculinidade e feminilidade, quanto na estruturação de identidades de gênero”.

Hall (2005:12-13) entende que a identidade como celebração móvel é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Nessa direção, o sujeito assume diferentes identidades de acordo com os diferentes momentos, locais e “posições de sujeito” em que se encontra. As identidades deixam, assim, de ser estáveis e passam a ser móveis, inclusive havendo identidades contraditórias em um mesmo ser.

Essas identidades que acabam se inscrevendo nos corpos dos professores homens que atuam na Educação Infantil, representam um pouco do que a cultura e de uma forma menos ampla, do que suas/eus colegas de trabalho esperam desse sujeito. Essa questão fica clara no discurso de um professor da pesquisa de Sayão (2005) que ao ser interpelado pela escola para que mostrasse certa virilidade, busca expressar um corpo musculoso, para que fosse mais bem aceito por seus pares. Nesse momento, na sua identidade desponta um sujeito com uma masculinidade normalizada, cuja força, virilidade e coragem atestam e confirmam o referente.

Dessa forma, percebe-se a escola também como uma instância generificada e generificadora, um espaço que separa adultos e crianças conforme suas diferenças, produzindo e reproduzindo representações de feminilidade e masculinidade. Mesmo com todas as dificuldades que os homens enfrentam ao optar por uma profissão naturalizada como feminina, como é o caso da docência na educação infantil, alguns homens ousam enfrentar os preconceitos para que possam exercer a profissão que escolheram.

CONCLUSÕES

A construção social da docência como uma profissão afeita às mulheres constitui-se de uma sensibilização da sociedade de que trabalhar com crianças pequenas exige algumas características, como afeto, cuidado, sensibilidade, qualidades essas, não muito atribuídas para caracterizar homens. Nesse sentido, é necessário desnaturalizar a ideia da masculinidade referente onde os homens só podem ser fortes, corajosos, agressivos, e compreender as masculinidades como plurais, onde os homens também podem ser afetuosos, cuidadosos e sensíveis. A sociedade atual não pode mais reproduzir os padrões de comportamento afeitos ao século passado e continuar privando os homens a exercerem a profissão que desejarem independente de ser considerada masculina ou feminina.

Nesse sentido, os homens começam lentamente a ocupar os espaços atribuídos socialmente como femininos, contribuindo para o rompimento das fronteiras que delimitam as profissões próprias de mulheres e homens. E isso faz-se de extrema importância no que se refere a profissão de docente em Educação Infantil, pois a escola tem o dever de garantir a igualdade de gênero e para isso é necessário que seja garantida também a abertura das escolas para os professores homens de educação infantil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Relação Anual de Informações Sociais – RAIS. Sistema Público de Emprego e Renda*. Ministério do Trabalho. 2010. Disponível em: <http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_isper/index.php>. Acesso em: 07 jul. 2012.

BENTO, B. “Transexuais, corpos e próteses”. *Labrys: Estudos Feministas*. Nº. 4, ago./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys4/textos/berenice2mf.htm>>. Acesso em: 10 de jul. 2012.

CARRARA, S.; HEILBORN, M. L. Em cena, os homens....Dossiê masculinidade. *Estudos Feministas*. V.6, nº.2, 1998.

CARVALHO, M. P. de. Ensino, uma atividade relacional. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, nº.11 maio/ago. 1999. Disponível em : <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n11/n11a03.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2012.

CONNEL, R. W. Políticas da Masculinidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. *Rev. Educação e Realidade*. 20(2): 185-206. Jul/Dez. 1995.

GIFFIN, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. *Ciênc. saúde coletiva [online]*. 2005, vol.10, n.1, pp. 47-57. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a05v10n1.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Guacira Lopes Louro, Tomaz Tadeu da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JENSEN, J. J. Homens em serviços de cuidado de crianças - um artigo para discussão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HOMENS NO CUIDADO DE CRIANÇAS: VISANDO UMA CULTURA DE RESPONSABILIDADE, DIVISÃO E RECIPROCIDADE ENTRE GÊNEROS NO CUIDADO DE CRIANÇAS. Ravenna, Itália: 21- 22 de Maio de 1993.

MARTINS, A. M.; RABELO, A. O. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2006, UBERLÂNDIA. VI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, p. 6167-6176, 2006.

RABELO, A. O. *A figura masculina na docência do ensino primário: Um "corpo estranho" no cotidiano das escolas públicas "primárias" do Rio de Janeiro – Brasil e Aveiro-Portugal*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Departamento de Ciências da Educação. Portugal: Universidade de Aveiro, 2008.

_____ "Eu gosto de ser professor e gosto de crianças" - A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária. *Revista Lusófona de Educação*. Nº 15, p. 163-173, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1531>>. Acesso em: 08 de jul. 2012.

RAMOS, J.; XAVIER, M. do C. A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas. In: FAZENDO GÊNERO 9 DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS. Agosto de 2010. UFSC.

SARMENTO, T. Correr o risco: ser homem numa profissão ´naturalmente` feminina. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA - SOCIEDADES CONTEMPORÂNEAS: REFLEXIVIDADE E AÇÃO. Nº.5. 2002, Braga, Portugal. Anais... Braga, Portugal: [s.n.], 2002.

SAYÃO, D. T. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Rev. Educação e Realidade*. 20(2): 71-99, julho/dez 1995.